

Presença viva

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS
Sócio Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa

O falecimento de uma pessoa de família impediu-me de dar em devido tempo á revista *Convergência* a colaboração que me fora solicitada para o número especial comemorativo do 150º aniversário da fundação do Real Gabinete Português de Leitura. Não quero, porém, deixar de estar presente, embora com palavras breves de admiração, solidariedade e de orgulho português por tudo quanto o Gabinete representa na História das relações entre os dois países. Na verdade, quando ali entrei pela primeira vez em 1952, tendo a honra de ter sido acompanhado, com os meus colegas da Missão Cultural enviada ao Rio pelo Governo Português na viagem inaugural do *Vera Cruz*, por esse grande diplomata que é o Embaixador António de Faria, que muitos no Brasil ainda recordam, eu já conhecia de tradição havia muito tempo esse santuário do espírito lusíada que sempre foi o Real Gabinete e, precisamente, a sensação que na altura experimentei foi a de ter entrado como que num templo da História comum, onde palpitam as imateriais presenças de Camões e de Machado de Assis, onde Joaquim Nabuco proclamou, na presença do Imperador D. Pedro II em 10 de Junho de 1880: “*Se hoje é o Dia de Camões, o Dia de Portugal, não é também o da língua portuguesa que falam 10 milhões de brasileiros?*” Os 140 milhões de brasileiros de hoje não apagaram, nem a enfeitam, a vitalidade dessa língua portuguesa que, pelo contrário, nos orgulhamos que eles rejuvenesçam. Muitas vezes voltei ao Real Gabinete Português de Leitura depois dessa primeira e inesquecível visita, ali ouviria entre tantos outros dois dos maiores oradores de sempre nos nossos dois países, Pedro Calmon e Lopes de Almeida, duas ausências, dois vazios, duas saudades.

Sem a possibilidade de aproveitar meus apontamentos memorialísticos pelas razões invocadas de falta de tempo, quase ousaria dizer ser tão viva em

mim a presença do Gabinete Português de Leitura que noutras circunstâncias mais folgadas também poderia dispensá-los: escreveria, bem o sei, sem apoios de datas ou notas. O prestígio da sua preciosa Biblioteca e do seu Centro de Estudos, a tradição, todos os dias continuada até hoje pelo entusiasmo e pela tenacidade sem quebras das suas sucessivas Diretorias, a irradiação aqui em Lisboa, que não só no Brasil, do seu exemplo de vigilante patriotismo (patriotismo entusiástico e ao mesmo tempo tão lúcido e que nenhuma manipulação ou circunstância jamais conseguiu turvar) a densidade dum ação cultural sistemática e que sendo naturalmente diversificada e inteligentemente “aberta” nunca esqueceu o respeito pelos valores essenciais da História e da Cultura.

E quase poderia sugerir que sendo hoje, afinal, tantos e tantos portugueses uma espécie de emigrantes na sua própria Pátria ou porque foram obrigados a deixar as suas vilas e aldeias para trabalhar nas grandes metrópoles, ou porque — pela idade, pela formação ou pelos gostos — se sentem afastados da sua pátria ideal embora vivendo dentro das suas fronteiras; e ainda pensando nas circunstâncias de planejada internacionalização dos costumes, da educação e dos gostos e que mais tarde ou mais cedo virá afetar a individualidade do português, quase poderia sugerir, ia dizendo, que se criassem aqui mesmo em Portugal vários Gabinetes Portugueses de Leitura à imagem semelhança do vosso onde esses portugueses, convivendo uns com os outros, reencontrassem o seu Portugal sonhado ou esquecido. . . Os 150 anos do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro seriam bem o admirável modelo.

Lisboa, Julho de 1987